



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**RENATO DE SOUZA CARDOSO**

**(depoimento)**

**2002**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-02

**Entrevistado:** Renato de Souza Cardoso

**Nascimento:** 26/05/1932

**Local da entrevista:** Escritório do entrevistado – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Daniel Brauner e Luanda dos Santos Dutra

**Data da entrevista:** 28/08/2002

**Transcrição:** Luanda dos Santos Dutra

**Conferência Fidelidade:** Daniel Brauner

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** (02 fitas) 02/01-A, 02/01-B e 02/02-A

**Total de gravação:** 81 minutos

**Páginas Digitadas:** 36

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 0885/2004/01

**Nº da fita:** 0885/2004/01 a e b

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

CARDOSO, Renato de Souza. *Renato Cardoso (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

## **Sumário**

História de vida do presidente da Federação Gaúcha de Basquete de 1979 a 1982; trabalho na Rádio Difusora como rádio-ator; aulas no Centro de Educação Física do Pacaembu abertas a comunidade; juiz de Voleibol; ingresso na Faculdade de Educação Física em 1951; formação da primeira seleção universitária feminina de voleibol em São Paulo; trabalho na Gazeta Esportiva de São Paulo; vinda para Porto Alegre para organizar o esporte na televisão e rádio; comentarista Esportivo da Rádio Gaúcha; criação das Federações no RS na década de 50; esportes e equipes esportivas nas escolas; o esporte praticado nas praças da cidade; envolvimento na Universidade de 1963; o basquete feminino.

Porto Alegre, 28 de agosto de 2002. Entrevista com Renato Cardoso, a cargo dos pesquisadores Daniel Brauner e Luanda Dutra para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D.B. - E, a idade?

R.C. - Setenta anos. Sou de 26 de maio de 1932.

D.B. - Isso. Presidente da Federação Gaúcha de 80 a 82, não é?

R.C. - Não. Fui Presidente da Federação Gaúcha de Basquete<sup>1</sup> em 79, 80, 81 e 82; saí em 83.

D.B. - Na página da Federação está 80 a 82...

R.C. - Até o 82. É, 82 foi quando eu saí; fiquei quatro anos. Naquela época só podia uma reeleição. Então eu me reelegi; fui reeleito depois e eu ainda tive que ficar porque não apareciam candidatos e eu reuni os clubes e disse assim: eu vou ficar até depois do campeonato, porque eu tinha um compromisso com a Confederação de fazer aqui uma chave do campeonato mundial feminino.

D.B. - É? 78 isso.

R.C. - Não, 82. E eu disse: eu vou fazer o mundial feminino. Sessenta dias depois se não houver eu vou entregar a chave para vocês. Mas aí apareceu o Edson Cardozo - o Macaco - que foi eleito depois que eu saí.

D.B. - E... Bom, o Dr. Renato é advogado, não é?

R.C. - Sou. Hoje eu sou advogado.

D.B. - Advogado.

R.C. - Fui jornalista muito tempo.

D.B. - Não teve mais envolvimento com o basquete, só de vez em quando pinta um comentarista...

R.C. - De vez em quando me pegam para comentar e eu estou à mão sempre que possível. A Federação... Quando o Carlos<sup>2</sup> me pede qualquer coisa porque...Eu tenho uma participação, digamos assim, na eleição do Carlinhos. Aliás, depois que eu saí, eu praticamente elegi os presidentes da Federação, os que me sucederam.

D.B. - É mesmo?

R.C. - É. Tive, de um modo ou de outro, alguma influência.

D.B. - Sempre foi influente. Bom, só para deixar gravado: o Dr. Renato, nós escolhemos para ser a primeira gravação, por ser influente no meio, mas principalmente - como eu lhe coloquei - por esse envolvimento que o senhor tem com o... Com a vontade...

R.C. - Claro.

D.B. - De ter...

R.C. - Claro! Claro! Eu acho importante...

D.B. - De ter... De incrementar a história

R.C. - Se não ficamos sem memória, não é?

D.B. - Senão ficamos na memória e fica tudo no passado.

R.C. - Sem memória, é verdade...

---

<sup>1</sup> Federação Gaúcha de Basketball, fundada em 18 de abril de 1952.

<sup>2</sup> Carlos Nunes, atual Presidente da Federação Gaúcha de Basketball.

D.B. - E tem gente do começo que já está se indo, não é?

R.C. - Tchê, já foi muita gente.

D.B. - Muita gente já foi e o que tem de história para contar...

R.C. - É verdade...

D.B. - E nós perdemos...

R.C. - É verdade. Vocês tem que entrevistar o Godoy Bezerra<sup>3</sup>.

D.B. - Godoy Bezerra, pois é... Foi um dos fundadores, não é?

R.C. - O Godoy Bezerra foi o presidente da Assembléia que fundou a Federação, em 1950.

D.B. - Nós tivemos acesso aquela fita da...

R.C. - É, aquela fita fui eu quem gravei, mandei gravar.

D.B. - É?

R.C. - Porque ele me deu os discos e eu mandei gravar. O telefone do Godoy é 3331 50 98. Fala com ele que ele vai te atender também; é um cara muito bom.

D.B. - E está, está bem?

R.C. - Está lúcido. Está com uma certa idade, mas está lúcido.

D.B. - Importante. Mas para começar, então, se pudesse nos contar um pouco do seu envolvimento com o esporte. Como é que se deu, como começou...

R.C. – [riso] Tem tempo! Faz tempo!

D.B. - Claro. Estamos aí para ouvir.

R.C. – Bom, fui criado em São Paulo<sup>4</sup>, que meus pais eram atores de teatro - meu pai e a minha mãe. E aí meu pai tinha ido ao Rio de Janeiro<sup>5</sup>, em 1940, para assinar contrato com uma companhia de teatro. Foi e morreu do coração. E nos deixou: minha mãe, Nora Pontes, que foi uma tele-atriz famosa da televisão brasileira; meu irmão, Régis Cardoso, que acabou sendo também um diretor e produtor famoso: foi o cara que fez as primeiras novelas à cores no Brasil, e eu. Bom, aí minha mãe já trabalhava um pouco também em rádio - na Rádio Difusora naquela época - fazendo novelas, etc... E eu fui... Já com oito anos de idade fiz minha primeira rádio novela. Eu era um garoto...

D.B. - É mesmo?

R.C. - É! A novela chamava-se “A Vingança do Judeu” e eu fazia um garoto que era um judeu que namorava uma moça e ela... Eu sei que houve uma confusão qualquer e ela teve um filho e eles não chegaram a casar. E o judeu vai e rapta o filho da moça e tal. Bom, isso eu me lembro, é só o que eu me lembro. Então, a minha novela, a primeira novela foi aos oito anos, então, desde aí, eu sempre digo que eu passei a pagar minha roupa. [Risos]. Já ganhava dinheiro...

D.B. - Já ganhava alguns troquinhos.

R.C. - Aí minha mãe, dois anos, três anos, casou de novo. E casou com um rapaz, o Armando Mota, que era locutor de Rádio Difusora. E o Armando sonhava em ir para São Paulo, sonhava! Ele foi a São Paulo duas ou três vezes e queria porque queria ir embora. Não queria mais ficar aqui porque lá havia muito mais espaço, muito mais possibilidades de se trabalhar, etc... Bom, e acabou convencendo a minha mãe. E ele foi, foi trabalhar na Rádio Tupi, naquela época que eram os Diários Associados, a Tupi e a Difusora.

---

<sup>3</sup> Manuel Augusto De Godoy Bezerra.

<sup>4</sup> Cidade Brasileira

D.B. - Era forte.

R.C. - Era. Nós fomos para São Paulo. Nós fomos de trem em 1943, 44. Nós fomos de trem de segunda classe porque não tinha lugar no trem. Na época da guerra e havia muita movimentação. Naquela época tu tinhas duas possibilidades de ir para São Paulo: ou de navio, que o pessoal não estava indo mais por causa dos afundamentos que aconteceram, ou de trem; então tinha que ir de trem. Três dias e meio e três noites de viagem. Bom, ao chegarmos em São Paulo o... Levou algum tempo, mas o Armando começou a trabalhar na Rádio Tupi como locutor. Logo em seguida minha mãe entrou como rádio-atriz e, logo em seguida, eu entrei como rádio ator.

D.B. - É mesmo?

R.C. - É, e o meu irmão entrou depois como auxiliar de contra-regra, uma coisa assim. Bom, em um determinado momento, eu comecei a mudar a voz e já não podia mais fazer papel de garoto e com aquela desafinação eu não podia nem fazer papel nenhum. Eu estava falando muito bem e “uhuhuh” e desafinava. Então, eu passei a fazer alguns trabalhos administrativos e aí aconteceu um negócio que mudou a minha vida completamente lá dentro, que foi o convite do pessoal do esporte. Porque eu fiz... Eu, quando entrei como garoto, fiz uns dois ou três papéis de grande sucesso e também foi só. Mudei a voz, a coisa piorou e eu e o pessoal do esporte da Rádio Difusora tinha um jogo pelo campeonato brasileiro de futebol e eles me convidaram para ir assistir o jogo no Pacaembu<sup>6</sup>. Foi a primeira vez que eu entrei no Pacaembú. Minto, minto.

D.B. - Já gostava de esporte ou não?

R.C. - Não, não.

D.B. - Não tinha nada, nada...

R.C. - Não tinha. A primeira vez que eu entrei no Pacaembu, eu entrei para vender bala.

---

<sup>5</sup> Cidade Brasileira

<sup>6</sup> Estádio do Pacaembu, na cidade de São Paulo.



D.B. - Vender bala...

R.C. - Baleiro, dentro do Pacaembu para ganhar um dinheiro.

D.B. - Sim, uns troquinhos...

R.C. - Claro. Eu não podia roubar, não estava ainda na Tupi... Porque não foi logo em seguida, eu entrei anos depois, né. Eu entrei na Tupi em 44, foi 44. Ai então eu fui com o pessoal da equipe do rádio Tupi e Difusora. Fui assistir gaúchos e pernambucanos. Bom, e ali eu comecei uma amizade com o pessoal do Departamento de Esporte e que acabei ficando no esporte como auxiliar. Então o meu começo no Departamento de Esportes era levar um rádio deste tamanho<sup>7</sup>, capelinha, famoso rádio aquele.

D.B. - Quadradão...

R.C. – Para o campo para ouvir a Rádio Nacional do Rio de Janeiro e ali passar os resultados do campeonato carioca. O plantão naquela época não existia, veio acontecer depois. E, ali, a essa altura, o colégio, algum esporte de colégio muito pouco, etc. Até que um dia eu fui... Amigos meus - nós éramos três que andavam sempre juntos e eles dois não trabalhavam na rádio, mas moravam perto que eram três... Nós éramos três caras altos na época, aí fomos: “Clube!” “Lá no clube!” “Não tenho dinheiro para o clube, não sei o quê”. Não, mas aqui no Pacaembú tem um centro de educação física muito bom e aí nós fomos. Um Centro de Educação Física com excelentes profissionais de educação física e tu ias lá e havia aulas duas ou três vezes por semana.

D.B. - Aberto à comunidade?

R.C. - Aberto à comunidade! Naquela época!

D.B. - Pô!

---

<sup>7</sup> O gesto realizado pelo entrevistado indica um aparelho de som grande.

R.C. - Naquela época. A prefeitura municipal de São Paulo e com bons professores e com *excelente* trabalho. E ali como eu era alto, sabe, começamos a jogar voleibol e acabamos fazendo um time e jogar etc... Com o passar do tempo eu com voz melhor, comecei a falar no microfone e, fora da Rádio, eu já comecei a me envolver com voleibol; inicialmente com voleibol. E um pouco de basquete também. Mas no voleibol abriram-se algumas portas e eu acabei aos dezessete anos sendo juiz de voleibol, dezesseis para dezessete sendo juiz de voleibol, sendo secretário da Federação Paulista de Voleibol, essas coisas todas. Aí eu resolvi: porque eu estava sempre com o pessoal de Educação Física eu resolvi fazer escola de Educação Física e fui fazer em São Paulo em 1951. Mas eu tinha um problema muito sério para entrar e fazer a Escola que era natação. Eu não sabia nadar, eu era um *prego*.

D.B. - Tinha um teste de admissão, não é?

R.C. - Não. Tinha um teste de admissão e não só um teste de admissão. Tu tinhas do primeiro para o segundo, do segundo para o terceiro, terceiro para sair tu tinhas testes de diferentes modalidades de nado e no terceiro ano um negócio chamado *salvamento*. Tu tinhas que nadar arrastando um cara. Bom, eu nem fazia. Eu já disse para o professor: “olha professor, os caras vão me salvar”. “Não, mas o senhor tenta”. “Vou tentar” e, de fato, não dava outra. Mas esse período que eu estava Escola - eu fiquei muito tempo na escola porque eu me envolvi no centro acadêmico, me envolvi na Associação Atlética Acadêmica, me envolvi na Federação Universitária Paulista de Esportes, eu fui é vice-presidente técnico da Federação Universitária Paulista de Esporte, acabei sendo vice-presidente da Confederação Brasileira de Desportos Universitários na parte técnica.

D.B. - Sempre envolvido com o esporte!

R.C. - Sempre envolvido como o esporte. Então o rádio era meu ganha pão e o esporte era a minha diversão. E o voleibol, eu sempre fui um jogador medíocre, mas desde quando eu comecei a me interessar pela parte técnica do voleibol, de dirigir time, etc... E na Escola, então, isso se proporcionou um desenvolvimento, aperfeiçoar até nem digo. O professor que tinha era fraco. Mas aprendi alguma coisa, lia e pesquisava muito voleibol. Assistia muito jogo, muita partida, aquele negócio todo e quando eu entrei na Escola, inclusive, já

tinha alguma coisa como técnico, tanto que eu acabei fazendo a primeira seleção universitária feminina de voleibol em São Paulo... Quem montou fui eu.

D.B. - É?

R.C. - Eu nem lembrava disso. Fui lembrado disso por um colega meu, jornalista de São Paulo. Bom, aí eu continuei com essa tríplice coisa: o voleibol, jornal, rádio e televisão. Casei e quando eu casei em 1956, eu era “disk-jockey” na rádio, Comentarista na televisão - de futebol - que, quando veio a televisão, em 1950, eu passei a trabalhar na televisão também. Era técnico de voleibol do Palmeiras - quem implantou o voleibol no Palmeiras fui eu. Eu tinha que botar a rede, tinha que estender, levar a bola, levar muitas vezes material para casa, para lavar em casa. E o Palmeiras, sabe, o dinheiro que eu ganhava no Palmeiras naquela época - 1500 cruzeiros - eu praticamente usava ali dentro. Bom, eu tinha essas atividades todas. Casei em 56, no final de 56 eu consegui meu quarto emprego na Gazeta Esportiva de São Paulo, escrevendo sobre esporte. Aí eu tive uma carreira no voleibol assim: em 1958 fui campeão paulista, brasileiro e sul-americano. Sou o primeiro - não sei se não sou o único até hoje - técnico a sair para ministrar curso no exterior.

D.B. - É mesmo?

R.C. - É, eu fui ao Chile em 59.

D.B. - Voleibol?

R.C. - De voleibol e o Chile que tinha sido o último colocado no campeonato realizado aqui em 58, aqui no Rio Grande do Sul, foi vice-campeão no outro ano, no outro campeonato. Não sei se tive alguma participação... Mas nisso tudo eu me envolvi ainda com o basquete como juiz, fiz curso na Federação de Basquete, apitei final de jogos abertos no interior de São Paulo.

D.B. - Não é pouca coisa, não é?

R.C. - Bota dez mil pessoas num ginásio...

D.B. - E com rivalidade, fumaceira...

R.C. - Olha, eu não apanhei não sei porquê. Por sorte... Bom, aí em 1960 eu comecei a deixar o voleibol gradativamente porque eu já estava cansado. Eu não fazia outra coisa, eu escrevia uma página diária na Gazeta Esportiva, um jornal deste tamanho<sup>8</sup> sobre voleibol, tivesse ou não tivesse campeonato. Em 1960 eu recebi um convite, para vir para Porto Alegre, para passar um ano aqui e... Dos Diários Associados, a televisão estava se inaugurando e eles queriam alguém de São Paulo que viesse para organizar o esporte no rádio e na televisão. E sabiam que eu era gaúcho... “Não quer passar um ano lá na tua terra?”. “Não”. “Vamos, vamos”. Um desafio: vim. E disse para minha mulher: uma das coisas que eu vou fazer é *deixar* o voleibol, não quero mais, está atrapalhando o meu desenvolvimento profissional. “Ah, por que não, que bom!” Vim para cá não demorou eu já era presidente da Federação de Voleibol<sup>9</sup>.

D.B. - Aqui?

R.C. - É.

D.B. - Não conseguiu deixar.

R.C. - É, mas aí em um determinado momento deixei, fiquei seis meses, só. Mas eu vim para cá, mas não adiantou porque aí me pegaram para técnico da seleção e nós fomos a um campeonato em... [silencia] 1960 - não 62 - 62 se eu não me engano. Em Campinas onde que os gaúchos foram terceiro lugar. Foi o campeonato onde eu conheci o Júlio Volpi, o Marco<sup>10</sup>, o Marco Antônio...

D.B. - É verdade.

R.C. - Que foi depois um dos *grandes* jogadores do voleibol nacional. Aí ainda fui a uma outra seleção; uma seleção feminina onde nós também fomos terceiro lugar no campeonato em Belo Horizonte. Bom, aí eu deixei, mas eu deixei mesmo.

---

<sup>8</sup> Nesse momento o entrevistado mostra um exemplar da Folha de São Paulo.

<sup>9</sup> Federação Gaúcha de Voleibol.

D.B. - Passou os seis meses e não voltou para São Paulo!

R.C. - Passou um ano e eu não voltei mais.

D.B. - Se estabeleceu por aqui...

R.C. - Depois disso fiquei só na televisão: fui diretor de rádio, fui diretor de televisão. Então não dava mais tempo. Eu comecei a voltar a minha vida também para outras atividades como publicidade, propaganda; fui fazer direito porque eu queria ter um título universitário que eu não tinha. Não tinha conseguido de professor de Educação Física. Então, digo: eu preciso e amanhã ou depois pode ser que eu precise de uma outra profissão, porque sempre eu trabalhei pensando dez anos na frente. Bom, 1989... Não! Minto: em 1978 eu tinha saído da televisão, eu tinha terminado...Eu só tinha uma agência, uma empresa que organizava congressos, eventos, etc. e o Mário Ramos<sup>11</sup> - ex-Prefeito de Caxias - era Secretário de Turismo e me convidou para chefiar o gabinete dele. Então, foi a primeira experiência que eu tive com a vida pública, com a função pública. Fui ser chefe de gabinete do Mário, fiquei lá 3 anos e depois saí. Quando eu saí, quando terminou, eu digo assim: “Acho que vou voltar para o... Fazer um pouco de esporte, estou com saudade, não sei o quê”... E me encontrei na rua com um cara chamado Heron Heinz<sup>12</sup>. E eu disse: mas esse teu esporte que bagunça, gozando ele com o negócio do basquete. Tá uma bagunça, a Federação estava realmente mal dirigida.

D.B. - O Heron era o que era...

R.C. - O Heron era técnico da SOGIPA<sup>13</sup> e o Léo Obst<sup>14</sup> era o presidente. Mas o Léo estava muito envolvido com a política e tal, então a Federação para ele...A Federação estava fechada há seis meses, para ter uma idéia. Bom, eu gozando com ele, ele disse assim: “Por quê tu não assumes?”, com aquele jeitão dele. “Eu não, eu estava... Não eu vou

---

<sup>10</sup> Júlio César Volpi e Marco Antônio Volpi.

<sup>11</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>12</sup> Heron José Heinz.

<sup>13</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867 passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre 1867, em 1942.

<sup>14</sup> Léo Henrique Obst.

ver isso”. Aí, um dia desses veio um convite do teu pai<sup>15</sup> para fazer uma reunião com os técnicos; foi a Associação de Técnicos<sup>16</sup> que lançou o meu nome. Aí eu tive uma reunião com eles, não conhecia o teu pai, não conhecia ninguém do basquete.

D.B. - Isso era 70 e poucos...

R.C. - 79. Aí fizemos a reunião e eu disse: “Olha, eu vou fazer o seguinte, eu não vou dizer *agora* para vocês que aceito. Mas eu vou fazer uma sondagem, eu vou visitar alguns clubes; vou fazer uma sondagem e se eles me apoiarem, vamos embora”. E outra coisa, se eu *fizer* eu não vou fazer retaliação pessoal nenhuma. Não tem briga, não adianta dizer que a Federação está uma droga porque isso aí repercute mal para o esporte, e nós temos que proteger, não é? Eu fui e fiz... Visitei vários clubes, tive uma ótima recepção, nos lançamos e eu pedi para o Ayrton Dreyer<sup>17</sup>. Te lembra dele?

D.B. - Ayrton Dreyer, não me lembro.

R.C. - E o Ayrton... Eu digo: “Bom, eu preciso de cara do interior”, e ele me indicou o Jayro Chaves<sup>18</sup>. O Jairo foi o meu primeiro vice-presidente e o Cleomar<sup>19</sup> foi outro vice-presidente. Aí fomos eleitos, aquele negócio todo e tocamos. E fizemos, modéstia à parte, um bom trabalho. Teu pai participou bastante, ele sabe disso. Nós conseguimos fazer muita coisa pelo basquete e nós fizemos... Para vocês terem uma idéia, em quatro anos, nós fizemos todos os campeonatos brasileiros que podiam ser feitos, de todas as categorias, *todas*, inclusive o primeiro mini brasileiro.

D.B. - Organizaram aqui?

R.C. - Aqui. Aqui, nós fizemos isso. Nós fomos a única Federação que naqueles quatro anos foi a todos campeonatos brasileiros, nem São Paulo fez isso. Nem São Paulo conseguiu fazer isso, nós conseguimos. Era um trabalho. A Federação não tinha sede, era

---

<sup>15</sup> Referência ao técnico de basquetebol Mário Roberto Generosi Brauner, pai do entrevistador.

<sup>16</sup> Associação de Técnicos de Basquetebol do Rio Grande do Sul

<sup>17</sup> Ayrton Marques Dreyer.

<sup>18</sup> Jayro Amorim Chaves.

<sup>19</sup> Cleomar Antonio Pereira Lima.

praticamente o meu escritório de então. Bom, e terminei minha gestão, sabe, não entro mais, chega! Terminei a gestão com o Mundial Feminino, veio Rússia, China, um país Africano, o quarto eu não me lembro... O Canadá.

D.B. - Com jogos onde?

R.C. - Jogos na Brigada<sup>20</sup>.

D.B. - Na Brigada?

R.C. - Na Brigada. A Semenova<sup>21</sup>, aquele gigante de dois metros e tanto, veio e foi uma atração. Mas foi pouca gente, não repercutiu. Mas nós fizemos campeonatos aqui com ginásio cheio. O primeiro campeonato que eu fiz, na minha gestão, foi um campeonato infanto-juvenil. Nós fomos vice-campeões no Petrópole<sup>22</sup>. Lotamos o ginásio. Categoria infanto-juvenil.

D.B. - Infanto, quinze, dezesseis anos.

R.C. – O Adriano<sup>23</sup> era desse time! Aí o Jair Soares<sup>24</sup> me chama para ser presidente do Conselho Regional de Desportos. Aí eu fui. Fiquei no Conselho até mudar o Governo e aí eu deixei mesmo. Deixei de lado total. Ainda intervi um pouco nas eleições da Federação, para acalmar, acertar coisas, mas aí eu deixei total e hoje quando o Carlinhos<sup>25</sup> precisa de qualquer coisa ele pega e telefona. Dou sugestões, etc., voltei ao basquete como comentarista esportivo da Gaúcha<sup>26</sup>, que me convidou um dia para comentar o jogo do Corinthians de Santa Cruz<sup>27</sup> e eu acabei ficando seis anos lá.

D.B. - Mas agora nos anos 90, não é?

---

<sup>20</sup> Referência ao Ginásio da Brigada Militar.

<sup>21</sup> Juliana Semenova.

<sup>22</sup> Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

<sup>23</sup> Adriano Bavaresco.

<sup>24</sup> Jair de Oliveira Soares, Governador do Estado do Rio Grande do Sul entre 1983 e 1987.

<sup>25</sup> Carlos Nunes, presidente da Federação Gaúcha de Basketball.

<sup>26</sup> Rádio Gaúcha.

R.C. - Eu saí agora no ano passado ou atrasado. Eu saí, não quero mais porque eu não queria fazer futebol e tinha que fazer futebol e eu já estava cansado de futebol, eu não queria... Eu disse para eles: “ó, quando vocês precisarem de vôlei ou basquete me chamem que eu venho”. É, em síntese, minha carreira esportiva.

D.B. - Ainda estás, ainda comentas basquete?

R.C. - É, quando tem.

D.B. - Também tem pouco, não é?

R.C. - É, não tem tido muito não.

D.B. - Só finais.

R.C. - Pois é, vamos ver este campeonato agora que vai vir aí, parece que vai ser bem bom, bem interessante. É que não tem patrocinadores, não tem dinheiro e hoje é preciso de dinheiro.

D.B. - É verdade.

R.C. - E o basquete no Brasil sofreu muito com duas coisas: primeiro, não aparece uma geração sequer parecida com a do Oscar<sup>28</sup>, Marcel<sup>29</sup>, Bira<sup>30</sup> ...

D.B. - Não se renovou?

R.C. - Não. Não veio. E um *desastre* que foi a atuação do Renato Britto Cunha, de quem a gente esperava tanto. Foi um desastre! Porque acabou com as categorias... Com o brasileiro das categorias menores e isso impediu muito o aparecimento de jovens jogadores; porque aqui nós temos muitas atividades nessas categorias, mas no norte e nordeste tem pouca e

---

<sup>27</sup> Corinthians Sport Club.

<sup>28</sup> Oscar Daniel Bezerra Schmidt.

<sup>29</sup> Marcel Ponickwar de Souza.

<sup>30</sup> Ubiratan Pereira Maciel.



eles trabalham muito em função dos campeonatos brasileiros, sabe? “Que bom, pode aparecer, pode surgir então e...”.

D.B. - A motivação, não é?

R.C. - E acabou porque era a motivação toda deles é isso. Então, acabaram-se os campeonatos nacionais e “puff”, a coisa caiu. Tanto que agora é que começa a surgir um pouquinho. E vamos ver se o Brasil consegue sair desse décimo lugar no mundial agora.

D.B. - Acho que vai, mas não digo que vai melhorar agora.

R.C. - Muito difícil! Olha aqui, se ficar oitavo lugar...

D.B. - Quinto lugar.

R.C. - Ou o quinto... Em Atenas nós perdemos uma oportunidade muito boa e foi perder um jogo para Argentina que não podia perder, mas tudo bem. Então era isso.

D.B. - E, essa página na Internet<sup>31</sup>, o histórico aquele foi tu que fizeste, não?

R.C. - Não.

D.B. - Na página da Federação mesmo. Tem uma parte de histórico lá e eu achei que pudesse ter sido tu.

R.C. - Não, só se eles pegaram de um material que eu tinha feito.

D.B. - Não.

R.C. - Não, eu nem vi.

---

<sup>31</sup> Referência ao site da Federação Gaúcha de Basketball, <http://www.basquetegaucho.com.br/>

D.B. - É, nem viu, é um histórico bem legal mesmo. E, a respeito da estruturação do esporte em Porto Alegre, porque tu voltaste para cá, como é que era... Eu li alguma coisa nessa página mesmo, sobre a Federação Atlética<sup>32</sup>.

R.C. - Não, já nessa época... Que a década de 50 foi a década que motivou as Federações à especialização. Quando eu cheguei aqui em 60, era a Federação de Voleibol, de Basquete, a Federação de Basquete é de cinquenta anos.

D.B. – Sim.

R.C. - Foi de 52 e o voleibol foi logo depois também, se independizou e a FARG ficou com outras atividades.

D.B. - E, o que eu ia dizer, essa... Eu li isso aí também na página, que houve muita briga entre a FARG com esse negócio... Até o processo que não queriam perder o vínculo, não é?

R.C. – É. Então, isso aí, são essas coisas que devem ter tirado do que eu disse.

D.B. - É, é o que eu imaginei.

R.C. - Porque aconteceu o seguinte: o Godoy Bezerra e um grupo, eles queriam sair do FARG e a FARG não queria soltar o basquete.

D.B. - Claro.

R.C. – Entende? E o pessoal daqui que mandava na FARG nessa época, era muito ligado ao Correio do Povo.<sup>33</sup> Túlio De Rose, Amaro Júnior, essa gente toda que foram os caras que tem uma história dentro do esporte do Rio Grande do Sul e que alguém precisa contar e que não contam e que não sabem; que são pessoas, assim, *espetaculares*. Muita coisa do esporte amador do Rio Grande do Sul e do esporte Olímpico deve-se à eles, tanto que a

---

<sup>32</sup> Federação Atlética Riograndense (FARG), fundada em 06 de fevereiro de 1925.

<sup>33</sup> Jornal publicado em Porto Alegre.

primeira coisa que eu fiz quando eu assumi a presidência foi fazer um torneio com o nome dele, Torneio Amaro Júnior.

D.B. - Torneio Amaro Júnior.

R.C. - Preparação. Mas aí o pessoal do Diário de Notícias<sup>34</sup>, com quem o Godoy parece que naquela ocasião tinha mais relação... A coisa ficou separada: o pessoal da FARGS no Correio, o pessoal do Diário, o pessoal do basquete da especializada no...

D.B. - Diário de Notícias.

R.C. - Tanto que o presidente que foi eleito foi o presidente de conciliação – o Daut<sup>35</sup> - para ajeitar as coisas, para que as coisas andassem bem e foi isso.. Era essa estrutura do nosso esporte. Não tinham *grandes* diferenças.

D.B. - Onde é que se... Onde é que se consegue esse arquivo do Diário de Notícias, alguma coisa assim?

R.C. – No Centro de Pesquisas do Museu Hipólito da Rocha.

D.B. - Hipólito da Costa?

R.C. - Hipólito da Costa, lá tu encontras toda a coleção do Correio, do Diário de Notícias.

D.B. - No Diário tinha muita coisa dessa época, de começo de Federação.

R.C. - Saiu pouco, saiu pouco. Eles noticiavam as reuniões que eram feitas etc.

D.B. - E mais além daí, o Correio começou a assumir também, mas tu já eras repórter, não era?

---

<sup>34</sup> Jornal publicado em Porto Alegre.

<sup>35</sup> José Carlos Daut, primeiro Presidente da Federação Gaúcha de Basketball.

R.C. - Sim, mas era garoto. O Amaro<sup>36</sup> e o Túlio eram dois caras que faziam tudo dentro do esporte do Correio. Eles organizavam competições, organizavam corrida. A corrida preparatória para a São Silvestre de São Paulo que tinha aqui, era feita pelo Correio com a organização do Túlio. O Amaro... Eu era guri e participei de um torneio de botão, campeonato de botão que a Folha da Tarde promoveu lá na ACM<sup>37</sup>, coisa do Amaro, entendeu? Eram os caras *idealistas* que gostavam da coisa, como os outros também, mas que nenhum... Separar porque, evidentemente, uma Federação eclética sempre um presidente dela tem os melhores olhos para o seu filho, não é? Então foi isso que aconteceu e o basquete no Rio Grande do Sul cresceu bem na mão deles, da Federação. Foi tanto que, a partir de 52 começou...

[FINAL DA FITA 02/01-A]

D.B. – [som inaudível].

R.C. - Não sei, não sei, não saberia encontrá-la.

D.B. - É difícil, não é?!

R.C. - É, tem que pesquisar, pesquisa é isso.

D.B. - É, vamos atrás... E a respeito da difusão do basquete, mais especificamente na época. Como é que era, o basquete era um esporte nas escolas, sei lá, era conhecido da moçada aqui?

R.C. - Não, acontece o seguinte, vou te explicar o que aconteceu: antes do advento da televisão, em casa tu só tinhas rádio para ouvir, então, qual era o teu lazer? Cinema, teatro e esporte! Quer dizer, as pessoas iam ao cinema de paletó e gravata, as mulheres todas arrumadas, porque era um acontecimento ir ao cinema e ao teatro também, tinham muitas companhias de teatro, etc. E esporte era o teu lazer, a tua recreação; era através do esporte que os caras iam se divertir de noite, então, toda noite saía para treinar, saía para jogar e o

---

<sup>36</sup> Amaro Júnior.

<sup>37</sup> Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

futebol era jogado de domingo à domingo. Quer dizer, o esporte nesta época tinha *muitos* participantes e que, quando jogavam Grêmio e Internacional<sup>38</sup>, quando jogava Cruzeiro<sup>39</sup> e sei lá o quê, lotava o ginásio. Não apenas os jogos de Grêmio e Internacional, mas com jogos dos outros clubes também. Quer dizer, a intensidade era grande de clubes, praças, as praças diversas. As praças tiveram uma atuação excepcional porque elas pegaram aquela categoria pobre, os garotos pobres, os garotos de cor que, infelizmente, em função do racismo - que nós do Rio Grande do Sul temos ainda muito acentuado -, eles não podiam entrar no clube; eles não podiam entrar no clube, não entravam no clube.

D.B. - Os alemães...

R.C. - Não entravam, quer dizer... Então foi nas pracinhas e na ACM que surgiu, por exemplo, o Calunga, que foi um dos maiores jogadores de basquete do Rio Grande do Sul, tanto de voleibol quanto de basquete. Calunga é um fenômeno porque ele foi um dois poucos jogadores que eu vi na minha vida - e olha que eu vi bastante - , que jogava bem tanto voleibol quanto basquete. Porque...

D.B. - No mesmo nível?

R.C. - No mesmo nível. *Impressionante*, impressionante!

D.B. - O senhor ainda tem contato com o Calunga?

R.C. - Morreu.

D.B. - Morreu?

R.C. - Morreu. Morreu há vários anos. Então, o Calunga é outro esquecido.

---

<sup>38</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903 e Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

D.B. - Onde é que ele jogou?

R.C. - Ele jogou, ele começou na ACM; ele começou, se não me engano, na Praça Florida. Não, foi no Alto da Bronze.

D.B. - No Alto da Bronze?

R.C. - No Alto da Bronze. Nós fomos vizinhos, fomos crianças juntos – eu e ele - e nos encontramos depois. E ele jogou lá, jogou na ACM e jogou no Grêmio.

D.B. - No Grêmio?

R.C. - No Grêmio, acho que no Internacional ele não chegou a jogar. No Grêmio eu tenho certeza que ele terminou a carreira dele no Grêmio. O Calunga, quando casou, ganhou do Grêmio uma sala de jantar, um quarto com cama, armário, porque eles não eram profissionais na expressão da palavra. Ele ganhava alguma coisa, mas era muito pouco. Então, as praças, os clubes, quer dizer, havia muita atividade e os colégios também. Os professores de Educação Física davam aula, os professores de Educação Física tinham vontade, faziam equipes, entende?

D.B. - Os times das escolas jogavam entre si?

R.C. - Jogavam.

D.B. - Tinham ligas escolares?

R.C. - Não, eles jogavam entre si, muitas vezes com promoção até, se não me engano, da Folha da Tarde.

D.B. - É? Qual, o Anchieta<sup>40</sup>...?

---

<sup>39</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

<sup>40</sup> Colégio Anchieta.

R.C. - O Anchieta, o Rosário<sup>41</sup>, Dores<sup>42</sup>...

D.B. - O Anchieta tinha time...

R.C. - E o Batista<sup>43</sup>, o Batista tinha muito, o IPA<sup>44</sup> tinha, o Americano<sup>45</sup> tinha, mas essa área eu não conheci muito bem. Mas, então, com o advento da televisão o que aconteceu: o pessoal passou a ficar em casa, em primeiro lugar; quer dizer, diminuiu... Houve uma outra coisa: as pessoas passaram a entrar na faculdade mais cedo. No meu tempo tu entrava com... Eu entrei com dezessete para dezoito e era guri; hoje os caras estão entrando com dezesseis. Então tu notas uma coisa: tem muito sujeito que começa a praticar esporte, chega uma hora ele tem que optar, ou ele vai ser atleta ou vai estudar. Muita gente deixou o esporte de competição por isso. Bem, aí, a televisão vindo e aumentando a sua participação de programação com esporte, que ela começou com o futebol, depois ela começou com o boxe, depois com basquete, por quê? Porque são esportes que te dão em um raio de ação pequeno, te dão a visão geral. Basquete para televisão é sensacional por isso, porque eles te dão a quadra toda com os jogadores, movimentação, etc. Tu tens uma noção do jogo. Futebol muitas vezes tu não tens...

D.B. - É, eles enquadraram dois jogadores e deu.

R.C. – Futebol, é o que eu sempre disse como comentarista: “Olha, eu comento o jogo que eu estou vendo, não é o que o telespectador está vendo”. Porque tem uma série de coisas que precisam ser levadas em consideração e, paralelamente a isso, começou a surgir o problema da violência que é o último. Quer dizer, essas coisas todas fizeram com que as pessoas cada vez mais saíssem menos de casa. Hoje eu saio daqui vou para casa, sair de noite... Eu vou ao “shopping”, entendeste? Além das opções de lazer e recreação que surgiram aí, o que justifica esta proliferação de academias é isso. Acabou aquela atividade que tu tinhas em qualquer esquina, na pracinha, que tu tinhas aqui, tu tinhas ali. Mas os caras precisam fazer esporte, é uma necessidade humana fazer movimento, então

---

<sup>41</sup> Colégio Rosário.

<sup>42</sup> Colégio La Salle Dores.

<sup>43</sup> Colégio Batista.

<sup>44</sup> Colégio metodista IPA.

<sup>45</sup> Colégio metodista Americano.

proliferam as academias, os clubes ampliaram os seus horários de funcionamento para poder fazer isso. Aí o esporte começou a se profissionalizar, mas profissionalizar de verdade e a coisa ficou muito difícil porque tu não tens... No vôlei e no basquete não tem renda. Se no futebol que tu tens renda é tudo falido, imagina no voleibol e no basquete, tu pagares quinze, vinte mil reais para um cara, que é só patrocinador que paga. Nos locais, nos estados de menor poder econômico - no caso nós - que não tem uma indústria capaz de sustentar, nós estamos vendo aí que é uma vergonha; não tem quem pague. Então, anualmente o Rio Grande do Sul perde de oito a dez jogadores de futuro para São Paulo.

D.B. - É!

R.C. - E os caras levam o infantil, já levaram o mini para lá, então tu vê como é difícil.

D.B. - Cada vez mais estão...

R.C. - É, e depois em casa tem aquele negócio assim: tu estás em casa, eu gosto de basquete, hoje tem NBA<sup>46</sup>, vou ver - eu não vejo a NBA, eu estou raciocinando como as pessoas raciocinam... Eu não vejo NBA e a minha tese - é a mesma tese, se não me engano a do Oscar - que aquilo ali é um negócio, que nós não vamos chegar nunca; o basquete brasileiro não vai chegar nunca! Aquela perfeição, aquilo tudo porque é uma outra condição que vem desde baixo. Assim como nós temos o futebol.

D.B. - É outra cultura.

R.C. - Assim como nós temos no futebol. Cada esquina tinha - já não tem mais - os caras jogando bola, não sei o quê, “pororó, pororó”, eles tem lá no basquete. Eles fizeram - não sei se tu sabes - um estudo de várias coisas do basquete e uma delas foi procurar descobrir porque o jogador negro bate menos a bola no chão do que o branco. E é uma característica: tu pegas um jogador branco ele “tum, tum, tum, tum”, tu pegas um negro ele “vup, vup, vup”. Bom, primeiro porque a bola anda mais rápido que qualquer jogador; meu passe de vinte metros é mais rápido do que cara correndo do lado da bola, em primeiro lugar. Em segundo lugar, é que o negro americano ele aprende a jogar basquete na rua ou em quadras



abertas onde o piso é irregular. Então para não perder o controle da bola eles... Sabe, vão passando, vão fazendo a bola correr e, conseqüentemente, tem uma diferença *tremenda*. E eles começaram com os “Globetrotters” e viram que dava certo e resolveram: Bom, agora vamos jogar sério e jogar sério é o que se vê. Os caras fazem miséria e nós não temos isto aqui; nós não temos, porque nos Estados Unidos não existem clubes como nós temos aqui, a formação deles é diferente. Os caras jogam esporte porque querem jogar e aí que vão galgando representações de escolas, universidades, etc. E nós aqui não temos, a participação de escolas e das universidades no nosso esporte é zero. Tem a Ulbra<sup>47</sup> que está aí e a Universidade de Caxias<sup>48</sup> que faz um pouco, mas não é aquele negócio, sabe. A Ulbra faz e faz bem. E mais, as condições econômico-financeiras dos Estados Unidos fazem com que a produção seja boa. Quer dizer, tu, aluno da Escola de Educação Física, tu vais fazer, depois, um curso de técnico de basquete porque o basquete te dá uma situação melhor do que tu dar aula. Com certeza, por menos que tu ganhas no clube, tu ganhas mais do que no colégio. E tem uma satisfação pessoal, um outro nível de vida, etc. Só que lá os números são aqueles que nós conhecemos, quer dizer, o cara ganha por ano o que não se investe no basquetebol brasileiro *todo* junto. É isso aí, não sei se expliquei bem a...

R.C. - Não... Eu queria se tu pudesses aprofundar um pouco mais a respeito das praças, como é que se dava, por exemplo, a praça era como... A Florida era como se fosse um clube?

R.C. - Exatamente, exatamente.

D.B. - E tinha alguém organizando a praça?

R.C. - É, tinha a Prefeitura.

D.B. - A Prefeitura...

---

<sup>46</sup> National Basketball Association.

<sup>47</sup> Universidade Luterana do Brasil, situada em Canoas.

<sup>48</sup> Universidade de Caxias do Sul, na região serrana do Estado.

R.C. - A prefeitura de Porto Alegre teve ao longo dos anos, até o governo Collares<sup>49</sup>... O primeiro governador, o primeiro prefeito que... A Prefeitura tinha há muitos anos, um departamento - não me lembro se era o departamento municipal de recreação, esporte, uma coisa assim... O Chico, sabe quem é o Chico?

D.B. - Chico...

R.C. - Chico Gordo, o Francisco Britto.

D.B. - O Chico Gordo, sei.

R.C. - Ele é assessor do Garcia<sup>50</sup> na Câmara Municipal, teu pai conhece bem o Chico. Bom, o Chico trabalhava lá, mas antes, muitos anos, quando eu era guri, esse departamento organizava torneios de futebol, torneios de basquete, torneios de voleibol com as equipes nas praças. Então, cada praça tinha dois, três professores de Educação Física, tinha material para... E isso foi crescendo tanto que o *mini*-basquete durante muitos anos foi nas praças. Em função deste trabalho, que era um trabalho *sensacional!* E aí quando o Collares foi eleito, não sei porque cargas d'águas mudou a orientação. E a coisa acabou acabando, sabe. E grandes professores de Educação Física foram professores de praça. Então quando começavam a aparecer, até os próprios pais dos meninos, e os clubes mandavam olheiros para lá para pegar jogador... Quer dizer, então ajudavam, porque essas coisas apareciam, surgiram possibilidades boas de novos jogadores, jovens, etc. Essas praças tiveram uma importância fundamental, mas com o passar do tempo elas também... As pessoas foram ficando velhas, não foram renovadas... Na mesma condição dos professores anteriores porque havia, diferentemente do que há hoje, havia uma mentalidade diferente do professor de Educação Física, os caras gostavam do que faziam. E faziam porque gostavam. Então, tu pegas professores da minha idade são todos... Tu notas, assim, que os caras trabalhavam de verdade... “Não tem bola, eu vou buscar uma bola, eu vou conseguir, eu vou fazer”, não tinha como fazer e os caras faziam time, sabe? Porque era importante para eles; eles gostavam da profissão, faziam porque gostavam. Hoje não é bem assim, então, até admito que o salário é ruim, os caras não tem motivação mas é uma série de coisas que não cabe

---

<sup>49</sup> Alceu Collares, Governador do Estado do Rio Grande do Sul no período de 1991 a 1994.

<sup>50</sup> Vereador Carlos Garcia.

comentar. Mas aqueles caras faziam. Então, as praças foram realmente um ponto muito importante, muito importante para o vôlei e para o basquete e tinha a ACM que sempre fez muita coisa nessa área. A ACM tem um... Eu vou te dar um, vou te emprestar um material que eu tenho aqui sobre basquete que tu vais adorar! Como eu adorei. Que fala muito do basquete no seu início no Rio Grande do Sul. Então, essas coisas todas, elas faziam com que o basquete no Rio Grande do Sul tivesse expressão. Por exemplo, no interior do estado todas as cidades tinham dois, três times e que jogavam, e jogavam com ginásio cheio, *ginásio cheio!*

D.B. - Movia a comunidade.

R.C. - Então procura esse cara aqui que ele pode te contar coisas também, diz que eu te telefonei, diz que eu estou com o livro dele.

D.B. - Certo.

R.C. - Esse cara aí tem muita coisa para contar de história do basquete.

D.B. - O livro esse que o senhor me...

R.C. - Não, eu tenho. Não, ele me emprestou um livro que está comigo ainda e eu não devolvi. Mas diz para ele que eu...

D.B. - João Fontoura ele foi...

R.C. - Me dá o número dele. Ele foi... O João Fontoura, qual o telefone dele? 4314692! João Fontoura.

D.B. - Isso deve ser Canoas.

R.C. - É Cachoeirinha.

D.B. - Cachoeirinha.

R.C. - Mas conversa com ele que ele é um cara que pode te contar coisas do interior. Então, para ti ver uma coisa: aqui do estado, Santa Maria era uma *força*, uma potência do basquetebol do Rio Grande do Sul. Foi o primeiro clube gaúcho a trazer treinador de São Paulo e Rio. O primeiro clube gaúcho que se aventurou trazer o Lenk<sup>51</sup>, uma vez, e depois trouxe o Fumanchú<sup>52</sup>. E trouxe o Nair<sup>53</sup>, foi um dos maiores jogadores brasileiros. Quinhentas seleções, Olimpíadas, fez tudo! Então, tu tinhas assim campeonatos importantes; tu tinhas em Rio Grande já tinha liga, em Rio Grande, já tinham várias ligas. Lá era o Ipiranga<sup>54</sup>, o Regatas<sup>55</sup> e o Irajá<sup>56</sup>.

D.B. - Tu vês, uma cidade uma cidade pequena!

R.C. – Pequena, que tinha nada, mas era aquilo que eu te disse, as pessoas tinham que fazer alguma coisa, então, faziam... O esporte era o grande canal de recreação, lazer e competição. Essas coisas todas fizeram com que o basquetebol no Rio Grande do Sul tivesse uma presença boa, eu não digo maravilhosa, mas uma presença sempre boa dentro das competições nacionais. Que mais?

D.B. - Voltando um pouquinho nas praças, que eu pretendo abordar bastante este tema, porque eu acho que é muito importante, era a Tamandaré... Qual era o nome de algumas praças importantes da época?

R.C. - Olha eu não saberia te dizer, eu sei...

D.B. - Tamandaré eu sei que tem, tinha [palavra inaudível]

R.C. - Eu sei.

D.B. - A Bronze...

---

<sup>51</sup> Ernesto Lenk.

<sup>52</sup> Luiz Fumanchú.

<sup>53</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>54</sup> Ipiranga Atlético Clube

<sup>55</sup> Clube de Regatas Rio Grande, fundado em 22 de fevereiro de 1897.

R.C. - É, Alto da Bronze. Praça Alto da Bronze, tem até uma música<sup>57</sup>.

D.B. - Tinha a Florida...

R.C. - É, a Florida. É uma música gaúcha de cidade uma das mais lindas que tem: “Alto da Bronze, praça querida, do Largo Branco, do Rouxinol”. É apenas essa... Bom, eu não me lembro, assim, de outras praças. O Chico pode te dar, o Francisco, porque ele durante muito tempo, década de 70, ele trabalhou lá, conheceu as praças, etc.

D.B. - O senhor tem contato com ele?

R.C. - Na Câmara Municipal, com o Garcia.

D.B. - E os clubes, eu também li na página, tem... Cita como quinze clubes que ajudaram na fundação, mas ao longo do tempo esses clubes foram parando, no caso até do Grêmio, o Cruzeiro, o Cruzeiro era forte, não é?

R.C. - Sim, o Cruzeiro foi um dos times mais fortes em basquetebol que esteve aqui, o Cruzeiro, o Petrópole. O Petrópole também foi um time *muito* bom.

D.B. - No Petrópole, o Edinho<sup>58</sup> pode me falar bastante coisa?

R.C. - Espera aí, deixa eu ver quem é que era do Petrópole... Olha um cara que...

D.B. - O Cascalho<sup>59</sup>?

R.C. - Não, o Cascalho é um cara que história eu acho que não, mas, tem o Tiarajú<sup>60</sup>.

D.B. - O Tiaraju jogou no Petrópole também?

---

<sup>56</sup> Iraja Atlético Clube, em Santana do Livramento.

<sup>57</sup> Alto da Bronze. Música de Paulo Coelho e letra de Plauto Azambuja, 1943.

<sup>58</sup> Edson Reisznick.

<sup>59</sup> João Luiz Steinbach.

<sup>60</sup> Tiarajú Índio de Bem.

R.C. - Durante muitos anos. Tiaraju é um cara que participava lá do Petrópole. O Petrópole foi *forte*, foi um time forte!

D.B. - O Petrópole foi um dos maiores times?

R.C. - Foi uma época em que tu tinhas vários times fortes. Tu tinhas o Cruzeiro, tinha a SOGIPA, tu tinhas o União<sup>61</sup>, o União com Purper<sup>62</sup> e Purpinho<sup>63</sup> ... Os cobras do basquete! Então, das praças o Chico pode te dizer melhor.

D.B. - Tranquilo.

R.C. - Do Petrópole, o Tiaraju.

D.B. - Sabe se o União tem um... Tu tens alguma parte de história, alguém que seja responsável lá?

R.C. - Se eu não me engano... O Licht<sup>64</sup> pode te dizer isto, eu acho que a SOGIPA tinha alguém na memória. A memória da ACM também é importante tu dares uma consultada.

D.B. - Com certeza.

R.C. - Porque ali tu vais encontrar *muita* informação, porque é ACM foi praticamente quem introduziu essas modalidades no Brasil e no Rio Grande do Sul. Isso aqui é relíquia<sup>65</sup>!

D.B. - Puxa!

R.C. - Que eu vou te emprestar, tu vais tirar xerox e depois me devolver. Se não, não te empresto mais.

---

<sup>61</sup> Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>62</sup> Ronald Purper.

<sup>63</sup> Arnold Purper.

<sup>64</sup> Henrique Felipe Bonnet Licht.

R.C. - Posso perguntar uma coisa?

D.B. - Claro!

R.C. - Sim, diga!

L.D. - Dr. Renato, ali quando teve a Universíade<sup>66</sup>...

R.C. - 1963.

L.D. - Isso...

R.C. - Estive...

L.D. - Se o senhor participou, qual foi o seu envolvimento?

R.C. - Eu, eu na Universíade, naquela ocasião, eu era diretor da TV Piratini<sup>67</sup> e era um dos poucos cronistas esportivos que conhecia alguma coisa de outros esportes, porque o pessoal aqui tinha poucos que entendiam de vôlei e basquete, então, transmiti muita coisa; nós transmitimos muita coisa naquela ocasião.

L.D. - Mas na estruturação, na participação da estruturação o senhor...

R.C. - Não, não, não.

D.B. - Isso aqui fica comigo então?

R.C. - Sim, tira o xerox e depois me manda.

---

<sup>65</sup> Referência ao polígrafo intitulado “Uma invenção da ACM – Basquete 1891-1991)

<sup>66</sup> Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

<sup>67</sup> TV Piratini – Canal 5, Inaugurada em 20 de dezembro de 1959.

D.B. - Excelente!

L.D. - E quando o senhor voltou para Porto Alegre, depois de São Paulo, quando o senhor chegou em Porto Alegre como é que o senhor... Como é que estava estruturado o basquete? Como é que o senhor via como estava, era do tipo de um esporte muito...

R.C. - Não, era um esporte que tinha... Eu quase não participei, sabe!

D.B. - O senhor entrou depois, não é?

R.C. - É. Quando eu voltei, porque o meu esporte era o voleibol. Gostava de basquete, gostava; assistia e comparava e tive em um campeonato mundial, já naquela época, realizado no Rio de Janeiro, fui assistir. Coisas assim, mas eu nunca imaginei que um dia eu pudesse ser presidente da Federação. Eu não tinha essa preocupação de saber como é que estava, eu nem convivia com o pessoal do basquete. Tinha muitos amigos, sabe, que a gente no esporte se conhece e se dá muito, etc. Então, foi um acidente de percurso a minha ida para o basquete.

L.D. - E dentro do vôlei, como é que o senhor via a organização do vôlei quando o senhor chegou em Porto Alegre?

R.C. - Vamos fazer assim, em um quadro comparativo o vôlei tinha menos expressão que o basquete aqui. Porque era normal isso a nível nacional, o basquete sempre foi o segundo esporte. O voleibol, não! O voleibol era o terceiro, perdeu para o futebol de salão depois. E o voleibol tem algumas características que, que são importantes ressaltar para vocês, fruto da minha experiência: que o voleibol é um esporte muito difícil, para jogar, para aprender, quer dizer, tu não fazes um jogador, diferentemente do basquete. No basquete tu pega a bola de qualquer jeito, pode pegar bem ou mal, mas *pega* a bola e passa para um companheiro. No voleibol tu tens que entrar certinho, bater certinho senão a bola não chega na mão do levantador e o levantador se não levantar bem, o cortador não corta. Então, é um negócio assim que tu levas uns dez anos para formar um jogador de voleibol. Jogador que eu digo, que entra na quadra e sabe o que vai fazer e não *craque*. Craque não, craque leva mais tempo. Claro, que o voleibol evoluiu muito. Evoluiu a condição de



treinamento, a condição física do atleta em razão da necessidade do jogo. O jogo ficou mais difícil, o jogo ficou mais rápido *um* pouco e o jogo exige mais condição atlética. Hoje tem que ter uma condição física, assim, tem que passar o peito todo acima da rede.

D.B. - Inclusive eles estão mais altos que os do basquete.

R.C. - Sim, sim. Em alguns... Mas, veja bem, os *grandes* jogadores não são os mais altos, são os jogadores... Tu pegas, por exemplo, aquele rapaz do Rio Grande do Sul, como é o que foi um dos maiores jogadores... O Renan<sup>68</sup>. O Renan não é alto, mas é um jogador com excelente condição atlética! Um que morreu há pouco tempo que foi o Urbano<sup>69</sup>. O Urbano era um cara assim, talvez até menor que o Renan, mas era um *grande* cortador, era um jogador espetacular! E o voleibol hoje com essas mudanças todas feitas, ele ficou um jogo diferente daquele que a gente jogava. Porque tu tinhas, por exemplo, eram “sets” de quinze pontos mas tu tinhas rodízio, tu tinhas aquele negócio todo, então, tu tinhas que preparar um time uma vez para jogar três, quatro horas. Era o que duravam as partidas boas. Bom, e aí tu tinhas que fazer substituições, muitas vezes mudar o jogo e tu podias fazer isso. Tu substituía um jogador e esperava um tempo que ele pudesse se adaptar ao jogo e fazer aquilo que tu pretendias mudar com a entrada dele. Porque tu tinha que botar um jogador para mudar o jogo. Hoje tu não tens mais isso. Hoje é saque e ponto, saque e ponto, saque e ponto, acabou. Há inclusive uma incoerência, entendeu, eu não sou contra esse jogo novo, só acho o seguinte: a parte mais importante é a menor, o “tiebreak”: quinze pontos, os outros são vinte e cinco. Faz diferente, faz os outros quinze e no “tiebreak”... Porque se tu podes notar uma coisa - é excepcional-: se os dois times da mesma qualidade, da mesma categoria, um time passa três pontos na frente do outro acabou o jogo! Só se der um azar. Mas normalmente é o que acontece, porque é difícil tu recuperar, e ficou um jogo chato para esses... Para mim, é saque, é saque, é saque! É uma exigência da televisão.

D.B. - TV, não é?

R.C. - TV, pagou e...

---

<sup>68</sup> Renan Dalzotto, expoente na modalidade de voleibol.

<sup>69</sup> Urbano Brochado Santiago, atleta mineiro.

D.B. - Mudou o esporte, mudou as regras do esporte.

R.C. - Mudou as regras do esporte. Diferentemente do basquete, que o basquete sempre mudou para melhorar o espetáculo. Porque o basquete, quando comecei a ver basquete, tu pegavas a bola e ficava trocando. Então tu ias lá e fazia uma cesta, então o resultado era doze a quatro.

D.B. - Abria quatro pontos e tu não ia mais para cesta.

R.C. - Tu não fazia mais nada, ficava aqui ó “pum, pum, pum”.<sup>70</sup> Tinha um jogador de São Paulo, o Angelinho<sup>71</sup>, que era um armador do Corinthians<sup>72</sup>, que era um... Ninguém tirava a bola dele, não conseguia tirar. Bom, aí os caras mudaram. “Não! Trinta segundos”. Tem dez segundos para atravessar a metade da quadra e mais vinte para arremessar. Então começou a agilizar o jogo. Ficou agora, depois do campeonato de Atenas, eles mudaram de novo, baixaram para vinte e quatro segundos. Por quê? Porque em Atenas o que se viu foi o seguinte: todos os times jogaram assim menos o nosso... E a Argentina também não jogou. Mas, eles pegavam a bola e ficavam gastando o tempo, *gastando o tempo* e faltava quatro segundos “pum”, arremessavam. Então, tu vê, num campeonato mundial, não se teve nenhum resultado acima de cem. E olha, times bons, times de qualidade. Quer dizer, então, a preocupação do pessoal que dirige o basquete sempre foi essa, foi melhorar o espetáculo. Fazer com que o espetáculo seja mais atraente e é! Quer dizer, hoje em dia tu pega o *jogo* veloz, rápido, mas as regras básicas do jogo não foram alteradas. E o voleibol mudou completamente. Voleibol hoje tu sacas, a bola bate na rede, coisa que não podia, tu invades, também não podia e vais assim.

L.D. - E a questão feminina, assim, tanto no basquete quanto no vôlei que era uma coisa difícil para as mulheres, porque tu encontravas elas jogando nas praças e nas escolas, não sei, dentro no ambiente escolar acho que era... Elas eram privadas, como é que tu conseguiste organizar um time, como é que funcionava...

---

<sup>70</sup> O entrevistado faz gesticulação simulando quicar a bola.

<sup>71</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>72</sup> Sport Club Corinthians Paulista, fundado em 1º de setembro de 1910.

R.C. - Quando eu assumi a Federação, tinha pouco basquete feminino aqui, pouco. Porque o basquete aqui, o basquete feminino ele, a rigor, ele não é feminino! O basquete é muito *masculino* para mulher, então tu não tens...

D.B. - Muito contato.

R.C. - É, tu tens tem poucas *atletas* assim. Tanto que as nossas atletas eram todas baixinhas. Uma ou outra era um pouco mais alta. Mas a média era muito baixa. E poucas, poucas, olha, nós incentivamos, fizemos, etc., mas foi difícil. Tem três ou quatro técnicos que são os heróis, porque as moças preferem, por alguma razão, o voleibol, porque o vôlei é um jogo menos violento, um jogo menos... Que não tem contato pessoal e o basquete não. O basquete é “pau e pau”!

D.B. - O Sobe não é?

R.C. - Antônio Carlos Sobe.

L.D. - E tu tens alguma jogadora no basquete que tu achas que seria relevante a gente conversar?

D.B. - Longos tempos...

R.C. - Olha tem, daqui a pouco eu me lembro. De *mais* tempo, de anos atrás...

D.B. - Ou que tenha marcado, que tenha ajudado a impulsionar o esporte.

R.C. - Não. Não tem nenhuma assim que...

D.B. - É, pouca coisa...

R.C. - Que tenha, sabe, nenhuma atleta...

[FINAL DA FITA 02/01-B]

R.C. - A Érica...

D.B. - A Érica?

R.C. - A Érica Bruguer. A Érica foi jogadora de seleção brasileira; a Érica era estudante de Medicina e jogava basquete. E ela foi...

D.B. - Anos 80, começo dos anos 80.

R.C. - Década de 70. Érica Bruguer, na Federação eles devem ter a relação das pessoas que foram homenageadas e tem o telefone dela. Ela pode te contar alguma coisa, porque ela esteve em seleção brasileira e ela foi realmente uma *boa* jogadora, ela deixou depois porque... Ela jogava aqui e não tinha como jogar, tinham poucos clubes, então era muito difícil. O basquete feminino sempre foi muito... Ora que eu fiz campeonato brasileiro aqui, fiz campeonato mundial feminino, fiz campeonatos infantis, juvenis, sempre, sempre, dando apoio. Até clube uma vez eu fundei para [riso] a Cauduro<sup>73</sup>. Convenci os caras das lojas Cauduro a patrocinar um time que eu sabia que tinha jogadores e não tinha onde jogar. Então foi o que... É uma tarefa muito ingrata para nós, no Rio Grande do Sul. Tu tens por aí jogadores, pessoas que teriam boas possibilidades de jogar, etc, mas que não! Não sei se falta incentivo, estímulo, não sei, hoje eu não sei.

D.B. - Grêmio e Inter tem essa parte histórica?

R.C. - Acho difícil, acho muito difícil.

D.B. - Alguém responsável? Pela memória?

R.C. - Não sei, mas acho muito difícil.

D.B. - É.

R.C. - Mas em todo caso...

D.B. - E, outra coisa, até no meio jornalístico. Quem eram os jornalistas expoentes, na época, que tratavam do basquete? Eu ouvi dizer que o Ruy Carlos Ostermann teve envolvimento...

R.C. - O Ruy foi atleta de basquete.

D.B. - Foi atleta?

R.C. - Foi atleta. No meu período de Federação, um cara que escreveu muito sobre basquete foi o Hiltor Mombach. O Hiltor foi um cara que...

D.B. - Falei com ele lá na festa.

R.C. - Muito, muito apoio. O Hiltor foi um cara sensacional!

D.B. - Eles devem ter muita história para contar!

R.C. - Tem. E tem mais duas meninas, tem a Cláudia Coutinho, que é da Zero Hora<sup>74</sup>.

D.B. - Está aqui no Rio Grande do Sul ainda?

R.C. - Está, a Cláudia está aqui, e a outra eu não me lembro o nome, mas a Cláudia pode lembrar...Marilu... As duas deram *muita* cobertura. O quê mais?

D.B. - O pessoal vai me dizendo assim, as pessoas para contato. O Fortunati<sup>75</sup> esse que é... Me disseram que foi envolvido com o basquete.

R.C. - Mas não como jogador.

D.B. - Não como jogador.

---

<sup>73</sup> Loja que comercializa materiais esportivos.

<sup>74</sup> Jornal publicado em Porto Alegre.

R.C. - Eu nunca soube disso. Quem foi um bom jogador de basquete foi o Pont<sup>76</sup>, o ex-prefeito.

D.B. - É mesmo?

R.C. - É, segundo me disseram, ele jogava em Uruguaiana, mas também não sei.

D.B. - É, foge um pouco da questão Porto Alegre que nós estamos tratando.

R.C. - O quê mais que tu queria saber que eu posso te ajudar?

D.B. - Pensando um pouco, mas era isso mesmo que a gente queria.

R.C. - Não, tudo bem.

D.B. - Nem é bem uma entrevista, tem a formalidade do gravador aí...

R.C. - Não, mas é bom, até para vocês ouvirem e depois até sugeriria.

D.B. - Claro, até para nós...

R.C. - Se vocês pudessem me dar uma cópia para eu fazer possíveis correções...

D.B. - Claro!

L.D. - Não isso...

R.C. - Bota em ordem o que eu disse aqui.

D.B. - Claro, isso agora nós vamos transcrever e esta é que é a parte mais trabalhosa.

---

<sup>75</sup> José Alberto Reus Fortunati na época vice-prefeito de Porto Alegre.

<sup>76</sup> Raul Pont.

[FINAL DO DEPOIMENTO]